

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875  JULIO MESQUITA (1862 - 1927)

Segunda-feira 20 DE JANEIRO DE 2014

R\$ 3,00 ANO 135 Nº 43924

EDIÇÃO DE 23H30 estadão.com.br

Caderno2

A maldição do samba
Wilson Baptista, enfim,
ganha seu lugar na
história com biografia.



BAPTISTA/ESTADÃO

Rádio Estádio
Ouça especial de Wilson Baptista em
estadão.com.br/e/wilsonbaptista

Link

Espionagem
Em tempos pós-Snowden,
privacidade é a palavra da
vez na internet. Pág. B10



Núcleo fiel a Dilma na Câmara fica 60% menor

Apenas 123 deputados votaram com o governo 90% das vezes em 2013; no início do mandato eram 306

ESTADÃO DADOS No segundo semestre de 2013, o governo da presidente Dilma Rousseff sofreu 11 derrotas em 37 votações na Câmara dos Deputados. Em 2011, foram só 3 derrotas; 5 em 2012; e outras 5 no primeiro semestre de 2013. Este resultado é consequência da redução do núcleo de deputados mais fiéis ao governo – aqueles que votaram 90% das vezes nas propostas do Planalto. O apoio a Dilma caiu 59,8% desde o primeiro ano do governo, quando ela dispunha de 306 deputados fiéis. Em 2012, foram 134 e no ano passado o número caiu para 123, mesmo com melhora no segundo semestre, mostra levantamento do *Estadão*

Análise

✪ José Roberto de Toledo

Nas ondas do Congresso

PÁG. A6

Dados. Nas 11 derrotas, os partidos que mais traíram foram PSD e PSB, este em fase de afastamento em razão da candidatura presidencial de Eduardo Campos. Newton Cardoso (PMDB-MG), que apoiou o governo em apenas 47% das votações, diz que não abaixa “a cabeça para o que o governo quer”. **POLÍTICA / PÁG. A4**

Cadastro lidera fraudes no Minha Casa Minha Vida

Levantamento de investigações do Ministério Público Federal revela que fraudes no cadastro de beneficiados são o problema mais comum no programa Minha Casa Minha Vida, bandeira eleitoral da presidente Dilma Rousseff, informa Erich Decat. Desde o lançamento, em 2009, os procuradores abriram 224 procedimentos, dos quais 82 são sobre as fraudes de cadastro. O segundo problema mais comum é a corrupção. **POLÍTICA / PÁG. A6**

seff, informa Erich Decat. Desde o lançamento, em 2009, os procuradores abriram 224 procedimentos, dos quais 82 são sobre as fraudes de cadastro. O segundo problema mais comum é a corrupção. **POLÍTICA / PÁG. A6**

Edição de Esportes



EVELSON DE FREITAS/ESTADÃO

Corinthians de Mano começa bem

A torcida compareceu ao Canindé para ver a vitória do Corinthians, novamente sob o comando de Mano Menezes, sobre a Portuguesa por 2 a 1. Já o São Paulo estreou mal no Campeonato Paulista e perdeu para o Bragantino por 2 a 0 em Bragança Paulista.

Negócios

O duplo desafio de rede de hambúrguer

A Burger King, liderada no País por Iuri Miranda (foto), precisa abrir lojas em pontos tradicionais e no interior. **PÁGS. B1 e B3**



● **França**
Paris relança o 'Made in France' para divulgar a imagem da indústria, associando-a ao luxo. **PÁG. B4**

JP DEBORD/ESTADÃO

Aplicativo calcula custo da mobilidade urbana

ECONOMIA / PÁG. B8

Esvaziado por ações do governo, MST faz 30 anos

POLÍTICA / PÁG. A7

Taliban ataca militares e mata 20 no Paquistão

INTERNACIONAL / PÁG. A8

Por 'rolezinhos', Rio tem baile funk na rua

Impedidos de entrar no Shopping Leblon e no Rio Design Center, manifestantes que protestavam pelas restrições aos 'rolezinhos' em SP, realizaram baile funk na rua. **METRÓPOLE / PÁG. A14**

Casas de luxo descartam esgoto no litoral de SP

Cerca de 25 mil imóveis de luxo na praia descartam seu esgoto no litoral, apesar de a ligação à rede ser grátis, relata Fabiana Cambricoli. A adaptação na casa custa R\$ 1,8 mil. **METRÓPOLE / PÁGS. A11 e A12**

JOSÉ GOLDEMBERG
Ciência e tecnologia em SP
O Estado tem bom sistema de ensino superior e bons institutos de pesquisa, mas que não se refletem em inovação no setor produtivo. **ESPAÇO ABERTO / PÁG. A2**

ELIAS GROLL
Hollande é unanimidade
O presidente francês mais popular dos tempos modernos descontenta a esquerda com uma guinada liberal; e os conservadores com um affair. **VISÃO GLOBAL / PÁG. A10**

LÚCIA GUIMARÃES
Feudalismo digital
Inovações de comunicação passam pelo estágio da concentração de poder. Se não reagirmos, ficaremos à mercê dos senhores do digital. **CADERNO2 / PÁG. C8**

Tempo em SP
31° Máx. 18° Mín. Sol, calor e chuva. **Pág. A18**

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C113259

Esta publicação é impressa em papel certificado FSC® garantia de manejo florestal responsável, pelo S.A. O Estado de S. Paulo

ISSN - 1516-293-1
9 771516 293026

NOTAS & INFORMAÇÕES

O fiasco dos incentivos
É evidente o fracasso da política de estímulos à indústria e à recuperação econômica. **PÁGINA A3**

Caderno 2

**Kubrick em
disputa acirrada**

Leilão com peças de
exposição recordista
chega a R\$ 670

Pág. C8

Wilson Baptista, enfim, ganha seu lugar na história

Julio Maria

O insulto foi pesado, pegou Noel Rosa no contrapé e o abateu no centro do tablado. Sua feiura era pública, mas chamá-lo de monstro já era demais. Wilson Baptista tinha sangue nos olhos depois de perder o sexto round, quando Noel lhe mandou *Palpite Infeliz* direto nas têmporas. Wilson havia golpeado antes, atingindo *Conversa Fiada* no coração do oponente, dizendo que sua Vila Isabel era um embuste. Um giro rápido depois de Noel quase finalizá-lo com o poder destruidor de *Feitiço da Vila*. De revanche em revanche, a grande batalha do samba vinha de 1933, quando Wilson compôs *Lenço no Pescoço* e Noel, pensando que fosse com ele, resolveu chamá-lo para o tapa em *Rapaz Folgado*. Mais de 80 anos depois, o juiz levanta o braço de Noel Rosa e deixa um farrapo humano caído no canto do ringue.

A briga com Noel foi o que sobrou de Wilson Baptista. Uma injustiça histórica a um neto de avô abolicionista de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, que criou 720 músicas com 400 delas gravadas, quase o dobro de Ary Barroso. Um semiletrado que só escrevia para fazer versos cantados por Francisco Alves, Carmen Miranda, Mário Reis, Dircinha Baptista, Orlando Silva, Linda Baptista, Moreira da Silva, Odette Amaral, Sylvio Caldas, Aracy de Almeida, Cyro Monteiro, Aracy Cortes, Luiz Barbosa, João Gilberto, Anjos do Inferno e Bando da Lua. Um homem que vendia música para acalmar o estômago e que cometeu o pecado de brigar com Noel Rosa.

Quando o bonde dos anos 70 passou, com João Nogueira e Beth Carvalho puxando para cima do vagão a velha guarda de Cartola, Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, Wilson Baptista não estava no ponto. Mesmo a gravação de Paulinho da Viola, que em 1972 incluiu *Meu Mundo É Hoje* no antológico *A Dança da Solidão*, não pareceu surtir efeito em uma possível revalorização. Wilson havia morrido em 1968 com o coração triste e inchado, em um leito do Hospital Souza Aguiar, quatro dias depois de completar 55 anos. Seu nome seria lembrado, na melhor das hipóteses, como “o homem que desafiou Noel” e, na pior, como “o homem que pegou carona no sucesso de Noel”. Apagava-se com isso décadas de bons trabalhos prestados ao samba que nascia na Lapa, na Praça Tiradentes, no Café Nice. Enterrava-se assim a história de um sambista que, muitas vezes, andou fora da curva traçada pelo próprio Noel.

Um trabalho de fôlego do pesquisador Rodrigo Alzguir recorre agora a desconhecido ao lado dos ilustres. *Wilson Baptista – O Samba Foi Sua Glória!* (583 páginas, editora Casa da Palavra) terá lançamento amanhã, às 19 h, na Brasserie Rosário, no centro do Rio. A obra resulta de uma pesquisa iniciada em 2001 que rendeu frutos ao longo do caminho. Em 2010, Rodrigo, também ator e pianista, produziu um musical de bolso chamado *O Samba Carioca de Wilson Baptista*. No ano passado, quando o compositor faria 100 anos (o esquecimento de seu centenário é sintoma de indignância), um álbum trouxe a trilha do es-



A maldição do samba



**WILSON
BAPTISTA –
O SAMBA FOI
SUA GLÓRIA**

Autor:

Rodrigo

Alzguir

Editora:

Casa da

Palavra

(583 págs.,

R\$ 58)

petáculo. Agora, sai o livro, patrocinado pela **Natura**, com um texto bem encadeado, leve, sem o empilhamento de aspas ou excesso de citações de fontes. Apesar de ser a biografia de um estreado no gênero, parece se tratar das linhas de um veterano. “Este é um livro que eu gostaria de ter escrito”, diz Ruy Castro, no texto da contracapa.

As vidas paralelas do universo do samba dos anos 30 e 40 ganham atenção especial. “Gosto das pequenas histórias”, diz o autor. O malandro à moda antiga Meia Noite é uma delas. O motorista de táxi Germano Augusto é outra. Germano, português bem relacionado, era a ponte que ligava as novas composições dos sambistas aos cantores de calibre da época. Em troca de fazer o aviãozinho, tinha seu nome colocado como coautor, o que lhe garantia royalties para sempre. Outro notável desconhecido é Miguel Batuso, chefe de claqué do Teatro Recreio, menos esperto do que o motorista português, que sonhava

**QUANDO O BONDE
DOS ANOS 1970
PASSOU, ELE NÃO
ESTAVA NO PONTO**

com a carreira de cantor. Um “compositor” nato, que guardava em um baú as músicas que adquiria nos balcões de negócio da noite. As vezes era enganado e comprava o mesmo samba duas, três, quatro vezes. Wilson dizia que o pior inimigo do sambista era o estômago. “Ele vendeu muitas músicas. Deve ser este um dos motivos pelos quais passou a ser discriminado”, diz Rodrigo. Nunca dividiu a função de músico com outra profissão. Era sambista em tempo integral, o que o fez produzir muito e não ter pudores em mergulhar na bacia das almas. Uma música sua poderia ganhar coautoria a qualquer momento, desde que lhe pagassem por isso.

Apesar da pouca instrução, evocava, sempre que sentia necessidade, sua profundidade absorvida de escritores e jornalistas boêmios. Ao fazer o samba *Chico Brito*, um contraventor do bicho e das drogas que traíra o destino de menino religioso e aplicado, citava o pensamento

do filósofo Jean-Jacques Rousseau: “Se o homem nasceu bom, e bom não se conservou / A culpa é da sociedade que o transformou.” Mas a caixinha de fósforo, único instrumento que Wilson sabia tocar enquanto compunha, começou a sair do ritmo em um momento que deveria ser de glória.

Em 1933, ele não estava nem aí para Noel Rosa quando proclamou o orgulho de ser malandro com *Lenço no Pescoço*. “Meu chapéu do lado / Tamanco arrastando / Lenço no pescoço / Navalha no bolso / Eu passo gingando / Provoco e desafio / Eu tenho orgulho / Em ser tão vadio.” Noel resolveu respondê-lo no ato, com *Rapaz Folgado*. “Tira do pescoço o lenço branco, compra sapato e gravata, joga fora esta navalha que te atrapalha.” Wilson gostou e alimentou a fogueira com *Mocinho da Vila*, classificando Noel como um playboy do morro, que nada sabia de malandragem. Noel se calou por um tempo até voltar, aparentemente sem mais provocações, com o samba dos sambas, *Feitiço da Vila*. Sem mais provocações até a última frase, que pode ter atingido

GRANDES GRAVAÇÕES

● **‘Meu Mundo É Hoje (Eu Sou Assim)’**
Wilson Baptista e José Baptista. Na voz de Paulinho da Viola (do disco *A Dança da Solidão*, 1972)

● **‘Louco (Ele É Seu mundo)’**
Wilson Baptista e Henrique de Almeida. Na voz de Aracy de Almeida (gravação lançada em 1947)

● **‘Terra de Cego’**
Wilson Baptista, na voz de Jorge Veiga (do disco *Polêmica*, de 1956). Em acordo com Wilson, Noel Rosa usaria a mesma harmonia e melodia para criar outro samba, *Deixa de Ser Convencida*, e dar fim ao embate dos sambistas

● **‘Acertei no Milhar’**
Wilson Baptista e Geraldo Pereira, na voz de Gilberto Gil (do disco *Antologia do Samba Choro – Gil e Germano Mathias*, de 1978)

“

Ele vendeu muitas músicas. Deve ser este um dos motivos pelos quais passou a ser discriminado”

Rodrigo Alzguir
BIOGRAFO

Baptista no peito. “Não há um cadeado no portão, porque na Vila não há ladrão.”

Wilson retrucou, retomando a briga: “É conversa fiada dizem que o samba na Vila tem feitiço / Eu fui ver para crer, e não tem nada disso.” E aí, mexeu com a Vila, mexeu com a mãe de Noel, mexeu com o avô, Noel Rosa lançou sobre Wilson *Palpite Infeliz*, uma canção com força para ficar na história e tirar seu oponente dela. “Quem é você, que não sabe o que diz / Meu Deus do céu, que palpite infeliz.” Ao ver o sucesso de Noel, Wilson Baptista foi para o tudo ou nada, mirando o queixo – ou a falta de queixo – do adversário. “Boa impressão nunca se tem, quando se encontra um certo alguém / Que até parece o Frankenstein.” *Frankenstein da Vila* pegou mal e foi amaldiçoada no mundo do samba.

Wilson Baptista e Noel Rosa ainda dariam as mãos assinando juntos *Deixa de Ser Convencida*, mas o estrago estava feito. Ao mesmo tempo em que colocava Wilson na mesma altura de Noel, a polêmica dos anos 30 estigmatizaria o sambista de Campos como o vilão. Sobre o tempo depois da morte de Noel, Wilson Baptista só seria procurado para falar sobre a briga. Um feitiço que só o beijo de um bom biógrafo poderia quebrar.



NA WEB
Rádio Eldorado.
Especial de
Wilson Baptista

estadao.com.br/wilsonbaptista